

## MODELO CATÓLICO DE LEITURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA COLEÇÃO ATUALIDADES PEDAGÓGICAS - 1940-1970

Maria Rita de Almeida Toledo – EHPS-PUC/SP

Esta comunicação é fruto da pesquisa inserida num projeto mais amplo sobre história da escola, em Portugal e no Brasil, que focaliza questões relativas à circulação e à apropriação de modelos culturais. Ao se analisar a composição dos acervos de bibliotecas pedagógicas portuguesas constituídas para uso de docentes e alunos das escolas de formação de professores, pode-se verificar que há forte presença de autores brasileiros e de traduções publicadas no Brasil.

Entre estes livros também é marcante a presença da Coleção **Atualidades Pedagógicas**, importante coleção editada pela Companhia Editora Nacional, entre 1931 e 1981. Essa constatação nos leva a perguntar sobre as razões que teriam levado os organizadores dessas bibliotecas a selecionar esse conjunto de livros para a formação de seu professorado.

A hipótese por nós aventada é a de que o modelo de leitura e formação veiculados pela Atualidade Pedagógicas encontrou nas instituições de formação docente portuguesas e entre os professores formadores forte ressonância.

As coleções editoriais para professores podem ser analisadas como um tipo especial de impresso que carrega em sua materialidade dupla estratégia de intervenção cultural: a intervenção editorial que, por meio da reorganização dos textos para a ampliação do mercado, faz circular a representação do professor - leitor e das práticas de leituras específicas e adequadas a ele; a intervenção no campo da pedagogia, por meio da seleção e adaptação do conjunto de textos e autores que deve compor o programa específico de formação do professor-leitor, indicando os usos específicos para o conjunto das leituras selecionadas na coleção. Essa dupla intervenção acaba por constituir uma cultura pedagógica específica que remete à representação do campo da pedagogia e do leitor contidas na mediação editorial que a propôs. Essa dupla intervenção acaba por construir e veicular um modelo de leitura e formação específicos. No caso da **Atualidades Pedagógicas**, o modelo de leitura e formação nela veiculados foi fortemente marcado pelas condições do campo pedagógico brasileiro e pelas opções políticas materializadas no próprio programa de formação de leitor da coleção.

Há que se considerar que a circulação da coleção pelas instituições de formação portuguesas foi possível pela ressonância que o modelo de leitura e formação por ela veiculado encontrou no campo pedagógico deste país, assim como pelas possibilidades de apropriação que os agentes de formação docente portugueses encontraram neste modelo.

Para essa comunicação, analisa-se o modelo católico de leitura e formação veiculado na **Atualidades Pedagógicas**, entre os anos 1940 e 1970, destacando os dispositivos tipográficos e textuais que o constituem, assim como seu funcionamento. Destaca-se, ainda, que a análise adotada neste trabalho toma a História Cultural como referencial teórico, considerando o impresso como objeto cultural; o que significa operar com os conteúdos da Coleção em relação à materialidade de seus processos de produção, circulação, imposição e apropriação pelos agentes envolvidos.

Essa coleção foi publicada pela Companhia Editora Nacional, entre 1931 e 1981. Foi fundada e dirigida por Fernando de Azevedo, entre 1931 e 1946; com a saída deste, João Baptista Damasco Penna assume a direção da Coleção imprimindo nela, a partir de 1950, novo projeto editorial. Pela análise material da coleção, sob a ação do novo diretor, é possível flagrar os principais deslocamentos sofridos pela proposta editorial para que fosse possível a introdução de autores católicos e a sua articulação ao programa escolanovista herdado do período anterior.

No período inicial da gestão de Penna, a Coleção já havia conquistado razoável espaço no mercado de livros para professores. Entre 1931 e 1946, publicou 64 volumes, entre 1<sup>as</sup> edições e reedições, no total de 148.000 exemplares. Esse sucesso permitiu a Penna construir o novo programa editorial com rigorosa análise do que efetivamente vendia do programa anterior. A reforma empreendida por Penna construiu o *consenso em pedagogia*, arrefecendo a polêmica<sup>1</sup> contida em diferentes títulos publicados, como “Educação progressiva”, de Anísio Teixeira ou “Novos Caminhos e Novos Fins, de Fernando de Azevedo, que geraram debates na grande imprensa e na imprensa especializada, chegando a serem proibidos para a leitura dos “bons professores católicos”<sup>2</sup>.

É importante notar que é esse novo programa de formação de professores que garante a longevidade da coleção, assim como o seu sucesso, tanto no Brasil como em Portugal. A nova fórmula editorial de Penna fez-se com a morte da face política do projeto anterior. Os títulos do antigo programa, de demanda garantida no mercado, foram

---

<sup>1</sup> Para uma descrição do projeto político-editorial de Azevedo, consultar Toledo (2001).

<sup>2</sup> Sobre essa polêmica consultar Carvalho (2004). Ver também os textos de Correia (1936) e de Van Acker (s/d).

reimpressos incessantemente, mas num processo de apropriação: deslocados das “trincheiras” da “luta de renovação educacional”, de defesa da escola pública e laica - que dava sentido político aos seus conteúdos – esses títulos deixaram de ser portadores do projeto azevediano de educação.

A morte do projeto anterior revela-se já na mudança radical do projeto gráfico da Coleção: capas, quartas-capas, textos explicativos foram substituídos e rearranjados de modo que a velha **Atualidades** – política e polêmica - não se confundisse com a nova – apolítica e consensual .

Penna transforma a Coleção em um projeto editorial bem montado, propondo-se a *oferecer textos de reflexão sobre o problema fundamental da atividade educativa, em todas as suas formas*; com conhecimentos *efetivos* para o professor leitor (Penna, 1950). Daí a fórmula eficaz do compêndio ou manual traduzido, composto com visões panorâmicas dos diferentes âmbitos da pedagogia, em linguagem fácil, oferecendo idéias “utilizáveis” pelos educadores e estudantes na sua *atividade educativa*. As traduções ofertavam o sentido universal dos saberes compendiados: o saber que vence os limites das nações, válido para todas elas.

Com essa fórmula editorial de Penna aproximou-se das estratégias católicas de apropriação e de difusão de um escolanovismo depurado, renovando aquele programa sob o selo de uma das editoras que havia abrigado os pioneiros da educação nova. Para Carvalho (1996, p. 65), no escolanovismo católico predominou a tendência de incorporar princípios da nova pedagogia, *depurando-a de tudo o que contrariasse os preceitos católicos*, por meio de *publicações doutrinárias*, em revistas ou em manuais, *de versões católicas da moderna pedagogia, que firmavam princípios, constituíam uma ortodoxia pedagógica e um corpus bibliográfico de referência, formulando-os como crivos de leitura*.

O gênero do manual<sup>3</sup> prestava-se de forma ímpar a esse tipo de programa de acomodação do escolanovismo aos preceitos católicos: o gênero permitia a seleção e referência de um corpus de saberes de autores e textos que sintetizassem uma determinada disciplina do campo educacional; permitia a tradução desse corpus pela síntese autorizada produzida pelo autor do mesmo, cuja preocupação é a de iniciar o novo leitor em domínios desconhecidos, controlando e traduzindo a circulação dos saberes produzidos pelas obras

---

<sup>3</sup> Para uma análise dos manuais, consultar V. Silva, 2001.

referenciadas; permitia localizar e articular a produção desses saberes e de seus autores, acomodando diferenças e elidindo confrontos.

A opção pela publicação quase exclusiva de manuais deslocava o programa da coleção da proposta anterior, cujo cerne estava na oferta direta dos textos apontados como as bases do escolanovismo, proporcionando ao público leitor a possibilidade de apropriação dessas bases<sup>4</sup>. Esse novo programa de formação, em tempos de grande controle e censura, permitia o uso do material impresso por diferentes instituições de formação do professorado, acomodando-se facilmente às diferentes representações e apropriações do que seria a *moderna pedagogia*.

Do ponto de vista comercial, a ruptura da identidade da Coleção com o programa azevediano permitia a ampliação da circulação e adoção dos livros nela publicados, sobretudo, nas escolas católicas, tanto do ensino médio, como superior, responsáveis, em grande parte, pela expansão da rede educacional, desde meados da década de 1940.

Como instrumento fundamental de propaganda da nova **Atualidades Pedagógicas**, Penna contou com a *Revista Atualidades Pedagógicas*. Ela permitiu à Coleção uma nova inserção junto ao público que se expandia. Essa Revista circulava entre os professores de escolas secundárias e aliava diferentes dispositivos de propaganda da Coleção com “verdadeiros receituários didáticos” (C. Silva, 2000:92).

Os professores do secundário, pelas próprias condições da expansão desse nível de ensino<sup>5</sup>, caracterizavam-se pela falta de formação e preparo específico para a profissão., os *professores eram recrutados indistintamente, sem que estivessem sempre qualificados para as funções*<sup>6</sup> (Werebe, 1968, p.157). Mesmo com a expansão das Faculdades de Filosofia, cada vez mais numerosas, não foi possível satisfazer o crescente mercado, o que obrigou a uma série de concessões neste terreno, em detrimento do ensino..

Mal formados, os professores procuravam revistas que lhes fornecessem “receituários didáticos” e compêndios que os auxiliassem no domínio dos jargões básicos da Pedagogia, solicitados nas provas e exames oficiais que davam permissão ao exercício da profissão. Certamente foi visando esse leitor que Penna programou as visões panorâmicas da psicologia, da pedagogia, das concepções filosóficas e até mesmo das principais posições políticas necessárias para o acesso à profissão. Porém, a análise mais

---

<sup>4</sup> De qualquer modo, o programa editorial de Azevedo empregava outros dispositivos de controle da leitura. Para uma discussão mais ampliada da questão, consultar (Toledo, 2001).

<sup>5</sup> Para a análise da expansão do secundário, sobretudo nos estados de São Paulo e Minas Gerais, consultar Fonseca (2004), Sposito (1984), Werebe (1968).

<sup>6</sup> O estudo de Werebe (1968), apesar de antigo, parece sintetizar com precisão a situação da expansão da rede de ensino médio do período.

detida tanto do programa da Coleção, quanto da Revista, indica que a adaptação da Coleção ao mercado significou sua adaptação a um modelo de leitura particular: aquele adotado nas escolas católicas de formação do professorado, tanto para o ensino primário, quanto para o médio. Se a fórmula editorial proposta por Azevedo procurava constituir um público novo, inovar e criar identidades dos leitores com as novas instituições projetadas nas reformas que seu grupo realizava e impor um modelo novo de leitura e formação; Damasco Penna procurou adaptar a Coleção à demanda existente no mercado editorial em expansão e adotar o modelo de leitura e formação dominantes.

Nestes termos, a Revista procurou construir a identidade da Coleção com os estabelecimentos confessionais católicos. Essa identidade foi disposta por dispositivos textuais e tipográficos: fazia circular nas capas de diversos números da Revista<sup>7</sup> imagens das escolas confessionais; essas imagens eram repostas na seção *Instituições Educacionais*<sup>8</sup>, cujo objetivo era o de apresentar as instituições modelares para a educação nacional, geralmente pondo em evidência a estrutura física do prédio, a competência dos funcionários administrativos, a formação do corpo docente e suas práticas pedagógicas modelares (C. Silva, 2001, p. 70), ainda em praticamente todos os números da Revista havia pequenos artigos sobre instituições católicas que punham em evidência o “equilíbrio” entre “tradição” e “modernidade pedagógica” – enunciado caro à representação de que as escolas católicas eram portadores da “boa e moderna pedagogia”. Assim, por exemplo, no nº 9, do primeiro ano da Revista, um slogan caro aos pioneiros na propaganda das novas práticas da Escola Nova contra a escola “tradicional”<sup>9</sup> foi apropriado para apresentar o Colégio Santo Alberto: “Perdoem-me, senhores, mas esta é, em verdade, *a escola risonha e franca !...*”

É importante destacar que essa espécie de discurso laudatório era acompanhado por editoriais que constataavam a crise da escola brasileira, a necessidade de reformas políticas estruturais, que alterassem desde o desenho dos níveis de ensino que caracterizavam a escolarização brasileira aos currículos e programas escolares (C. Silva, 2001, p.73) e do lugar estratégico que o ensino privado poderia ocupar na solução da crise. As instituições em destaque convertiam-se assim em modelos prescritos para solucionar a crise educacional que o país enfrentava.

---

<sup>7</sup> Segundo informa C. Silva (2001), das 54 capas, 43 eram constituídas por imagens de instituições escolares; e das 43, 13 eram imagens de escolas confessionais católicas (C.Silva 2001, cap. 1).

<sup>8</sup> C Silva informa que dos 54 números publicados, 47 fizeram circular essa seção (C.Silva 2001, cap. 2)

<sup>9</sup> Veja , por exemplo, os artigos de introdução, assinados por Azevedo, do Inquérito de 1926 (Azevedo, 1937).

Em terceiro lugar, publicava extensos artigos doutrinários de autores católicos que discutiam os rumos da pedagogia ou da filosofia da educação, apresentando repertórios de saberes e autores como referências fundamentais das práticas pedagógicas modernas, repondo as estratégias para impor a “boa pedagogia”, adotada por esse grupo, desde os anos 1920<sup>10</sup>. Esse espaço foi ocupado amplamente por professores das Pontifícias Universidades Católicas do Brasil – a de São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro. Esse tipo de discurso era reforçado pelos artigos que apresentavam biografias de personagens importantes que estiveram *a serviço da educação ou da cultura nacional*, brasileiros ou estrangeiros, eliminando diferenças pela acomodação das personagens em uma espécie de pantheon de heróis. Nesta seção aparecem, por exemplo, Pe Leonel Franca, Dom Bosco e John Dewey. A Revista, neste sentido, adotava um dos principais pilares da pedagogia católica, defendida por autores como De Houvre: o de educar por meio dos exemplos dos grandes pedagogistas, o culto dos grandes educadores; ou de grandes instituições de ensino cujos itinerários deveriam ser tomados como exemplos (De Houvre, 1968)<sup>11</sup>.

Entre os anos de 1956 e 1961, a Revista apresenta ao leitor os títulos da **Atualidades Pedagógicas** de três formas diversas: publica trechos das obras da Coleção, geralmente, o prefácio ou introdução, que passam a ocupar duas a três páginas do impresso; organiza pequenos boxes com frases retiradas de obras da Coleção, distribuindo-os pelas páginas da Revista (dois a seis por número); resenha os livros lançados ou reimpressos na seção Bibliografia, introduzida na Revista. Ainda destacava sob a chamada de artigos o nome do livro, o(s) tradutor(es), a coleção à qual pertencia e a editora da coleção, reforçando as referências que o leitor deveria conhecer para poder adquirir a obra. Os extratos ou fragmentos permitiam ao leitor ter contato direto com a obra, verificando seu conteúdo e a acessibilidade de sua linguagem. Assim, os editores da Revista preenchiam as páginas dedicadas a artigos ao mesmo tempo que divulgavam a Coleção, associando o nome da Revista ao nome da Coleção. O leitor da Revista era estimulado, por meio deste tipo de dispositivo, a adquirir os livros indicados pela Coleção.

Ainda é importante notar que durante os cinco primeiros anos de sua vida, a Revista afirma-se como um periódico de consulta e referência para o professorado, que poderia utilizá-la como instrumento de trabalho na organização de sua prática. Associando-se à Revista, a Coleção consegue inserção junto ao professorado aproveitando-se da condição

---

<sup>10</sup> Autores como o prof. Dr. João Ecsodi, publicaram extensos artigos sobre pedagogia ou filosofia da educação nas páginas da Revista.

<sup>11</sup> É possível que a Revista tenha se inspirado no modelo de revista pedagógica fundada por De Houvre. Mas essa hipótese ainda carece de estudo mais aprofundado.

do periódico. A Revista, portanto, assume um duplo papel: de um lado é estratégia comercial da Coleção **Atualidades Pedagógicas**; de outro, torna-se o instrumento de inserção da Editora e, de certa forma, da própria Coleção, no debate educacional, posicionando-se sutilmente a favor de um dos lados da contenda.

Essa função da Revista acaba por eximir a Coleção do engajamento político que essa herdara do período Azevedo. O interregno de cinco anos entre o lançamento da Revista e a sua associação direta com a Coleção permitiu a Penna substituir, paulatinamente a proposta do antigo diretor por uma nova, esvaziada de seus conteúdos bélicos determinados pelos embates educacionais da época.

A tentativa de ampliar o mercado da Coleção ganhando o professorado católico já se anunciava desde a programação dos manuais de Theobaldo Miranda Santos, no final do período Azevedo<sup>12</sup>. Miranda Santos publicava manuais de “fácil leitura e descomplicados para qualquer leitor”<sup>13</sup> sobre as disciplinas “base” das ciências da educação. Além disso, os manuais de Miranda Santos eram apresentados como livros cujo conteúdo estava “de acordo com os programas das Faculdades de Filosofia, dos Institutos Educação e das Escolas Normais”.

O sucesso da obra de Miranda Santos revelou a fórmula do mercado para qual a **Atualidades Pedagógicas** se destinava: compêndios de divulgação científica, que apresentavam em amplas perspectivas os mais novos conhecimentos desenvolvidos nesta ou naquela disciplina do campo da Educação, utilizáveis tanto no ensino normal, como no ensino superior, pela facilidade da linguagem. Neste sentido, o modelo de leitura “católico” de formação do professor impunha-se vitorioso.

O consenso em pedagogia, construído sobre a programação contínua dos manuais, também se fez por meio do aparelho crítico adotado por Penna: orelhas, notas de rodapé, textos explicativos da coleção.

As orelhas dos livros eram compostas por uma pequena apresentação do autor, ou referência à sua condição; a inserção e abordagem do trabalho na Educação e um pequeno

---

<sup>12</sup> No auge da oposição católica à Azevedo, acontece um fenômeno interessante no programa da coleção: os dois principais autores publicados foram Fernando de Azevedo e Theobaldo Miranda Santos. A cada texto político de Fernando de Azevedo aparece pelo menos um de Miranda Santos. É importante notar que os dois autores ocupavam posições políticas antagônicas: enquanto Azevedo era acusado pela militância católica de “bolchevizar” a educação brasileira, Miranda Santos era indicado pela mesma militância como antídoto à “ação bolchevizante”. A contraposição dos autores evidencia que a programação sofria um desvio de rota que preparava a transição entre a programação de Azevedo e a nova proposta de Damasco Penna. Transição que intercala os últimos títulos programados por Azevedo e os títulos de Miranda Santos, introduzidos na Coleção por ordens de Octalles Marcondes Ferreira (Beda, 1987: 310). Logo após a entrada de Miranda Santos (1945), Azevedo sai definitivamente da direção da Coleção e da Biblioteca Pedagógica Brasileira..

<sup>13</sup> Essa avaliação foi feita pelo diretor de edição da CEN, Thomaz de Aquino (apud Beda, 1987:311)

comentário do conteúdo do texto. A orelha permitia a Penna apresentar os novos autores e reapresentar os já editados, explicitando os critérios de escolha do título e a função que este deveria cumprir na formação do leitor. Com o comentário das orelhas Penna podia distribuir e apresentar os saberes contidos em cada título, enfatizando a sua importância no campo da educação. Esse dispositivo também permitiu a absorção do programa azevediano ao seu, já deslocado dos significados atribuídos aos textos. *Como pensamos*, de Dewey, por exemplo, na 3ª edição (1959), foi apresentado como um livro clássico que estudava o que mais interessava ao educador: *a maneira melhor e mais acertada de pôr o pensamento, interessado, ativo e disciplinado, a serviço da educação* (Orelha do vol. 2, 1959)

A versão de Penna para *Como Pensamos* neutralizava os significados a ele atribuídos, nos anos 1930: de que a sua leitura atenta produziria uma “revolução” na escola. Revolução que para *pioneiros* significaria a renovação das práticas escolares tradicionais; para *católicos*, revolução negativa que introduziria o *naturalismo* e *bolchevismo* na escola e na sociedade. O texto de Dewey, no comentário de Penna, isolado das contendas políticas nas quais circulou, é desenhado como obra técnica e eficaz porque, *por meio do estudo das bases do pensamento, fixa as prescrições* para que o educador seja capaz de propiciar o *desenvolvimento do pensamento dos educandos com eficácia*.

Esse mesmo padrão de apresentação dos títulos é usado dez anos depois para a publicação de *Ensaio de Filosofia Pedagógica*, de DE Houvre. Na orelha Penna apresenta o autor e a obra como clássicos da pedagogia: *É um clássico este livro de De Houvre, no duplo significado de obra fundamental em determinado campo de estudo e de obra de cunho didático, obra de classe, pois, e isto por muitos de seus traços de plano e de composição e, máxime, pela destinação, texto básico, que foi de curso dado ao professorado primário e médio*. (Orelha do vol. 95, 1969)

Como clássico De Houvre também é afastada da condição política em que circulou nos anos 1930: antídoto contra os autores naturalistas e bolchevistas que se infiltraram na pedagogia, produzindo a “má pedagogia”. De Houvre, segundo Sgarbi (2001), foi o sistematizador da pedagogia católica, na década de 1920, armando os católicos para a crítica do “materialismo” e “naturalismo” que, para eles, vicejava. Seria, portanto, impossível pensar a publicação de De Houvre na **Atualidades Pedagógicas** do padrão Azevedo.

Outro dispositivo reiterativo das orelhas empregado no padrão Penna eram os prefácios. Com eles os autores eram apresentados aos leitores e se roteirizava o texto,

facilitando o entendimento da leitura assim como o lugar que deveria ocupar no campo da Educação. No caso da publicação de De Houvre o prefácio foi assinado por Van Acker. No “estudo preliminar”, Van Acker traça uma rápida biografia do autor, mapeia as obras e autores que teriam marcado o itinerário de formação de De Houvre, sua atuação como educador e intelectual e, por fim, apresenta a importância dos *Ensaio de Filosofia Pedagógica* no campo da Educação. É de interesse destacar que, no prefácio deste volume, Van Acker aproveita para traçar a crítica mordaz ao “materialismo” e “socialismo” de John Dewey, reiterando as representações católicas de que foi porta-voz nos anos 1930 e 1940.

Com a análise diacrônica da fórmula editorial da **Atualidades Pedagógicas**, tanto da programação de obras e autores, quanto das estratégias de circulação, é possível traçar a aproximação cada vez maior de seu modelo de formação do professorado daquele proposto, nos anos 1920 e 1930, pelos católicos. Parece haver a “catolicização” dos saberes, das referências de autores e textos, assim como da modelização da leitura que compõem a Coleção de Penna.

Essa conclusão pode ser corroborada pelo fato de que em 1978, quando se propõe a reedição de dois títulos de Dewey, representados pelos *pioneiros* como as principais bases do escolanovismo, estes foram prefaciados por Van Acker. Com um mesmo texto adicionada a cada volume, o autor usa a fórmula do prefácio que havia feito para o título de De Houvre. Ainda indica em uma lista hierárquica os melhores comentadores e críticos de Dewey. Em seu topo estaria *Ensaio de Filosofia Pedagógica* de De Houvre. Em seguida os textos de Horne e Bralmed. Já entre os autores brasileiros, Maria Isabel Moraes Pitombo, assistente de Van Acker na PUC de SP, teria o melhor estudo sobre Dewey, seguido de Ruy Afonso da Costa Nunes. Perceba-se que o maior divulgador de Dewey no Brasil, Anísio Teixeira, não está entre os comentadores autorizados indicados por Van Acker.

Ao final do prefácio o educador católico ainda comenta sobre a importância da reedição dos dois títulos: *Por certo, atualmente, já não tem o eminente pensador norte-americano o cartaz que tinha no Brasil, nas décadas de 1920 a 1950. Para os marxistas militantes, o socialismo dele não passa de pragmatismo burguês, cientificista, individualista e utilitário. Para os cristãos, mormente os católicos, a sociedade democrática por ele concebida não é integralmente humana, porque repudia no homem a tendência natural para Ser, o Viver e o Valor Infinito, sem o qual a contínua reconstrução da experiência humana fica definitivamente sem sentido adequado às aspirações do homem. Apesar de todas essas censuras, é inegável em Dewey o intuito de promover entre*

*os homens a grande comunidade fraternal, para além do individualismo egoísta e libertário, bem como do comunismo coativo e totalitário* (VanAcker, 1979:pp.5-6

Percebe-se que além de negar a importância dos comentadores de Dewey ligados aos *pioneiros* da educação, Van Acker apaga a importância que Dewey teve nas contendas em torno do escolanovismo, entre as décadas de 20 a 50. Na suas considerações sobreviveu apenas a posição católica, cujo valor é reiterado na atualização que faz do campo de luta entre católicos e comunistas, característico dos anos 1970. Na versão de Van Acker sobre a importância de Dewey no Brasil, já estavam mortos e apagados da memória o grupo de Azevedo e suas leituras bolchevizes da pedagogia.

É importante lembrar que as reedições de Dewey marcam o fim da atuação de Damasco Penna na Companhia Editora Nacional, assim como coincidem com o fim da publicação da Coleção.

### **Fontes Primárias**

AZEVEDO, Fernando de. 1937. *A educação pública em São Paulo – Problemas e Discussões*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CORREIA, Alexandre. 1936. “*O Sr Fernando de Azevedo, a sua sociologia aguda e o mais que lhe aconteceu...*”. SP: Centro Dom Vital.

\_\_\_\_\_. 1931. *Filosofia da Escola Nova*. SP: Centro Dom Vital.

DE HOUVRE, Fr. 1968. *Ensaio de Filosofia Pedagógica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional

PENNA, João Baptista. 1950. *Coleção Atualidades Pedagógicas*. In: Carneiro Leão, A.. 1950. *A adolescência e sua educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

*Revista Atualidades Pedagógicas*. 1950-1962. n<sup>os</sup> 1 a 54. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

TEIXEIRA, A.. 1936. *Apresentação*. In: DEWEY, J. *Democracia e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional

VAN ACKER. S/d. *Escola Nova e Comunismo*. In: O Legionário. SP

\_\_\_\_\_. 1968. *Frans DE Houvre: o homem e a obra*. In: DE HOUVRE, Fr. 1968. *Ensaio de Filosofia Pedagógica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional

### **Referências Bibliográficas**

BEDA, Ephraim de Figueiredo. 1987. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. Dissertação de Mestrado. ECA/USP

CARVALHO, Marta M C. 2004. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: Ed. Da Univ. S. Francisco.

\_\_\_\_\_. 1996. “Estratégias textuais e editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil: uma perspectiva. In: GVIRTZ, Silvina (org.). *Escuela Nueva en Argentina y Brasil*. Buenos Aires: Miño y Dávila editores SRL.

- SGARBI, Antonio Donizetti. 2001. *Bibliotecas pedagógicas católicas: estratégias para construir uma “Civilização Cristã” e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)*. São Paulo: EHPS-PUCSP (tese de doutorado).
- SILVA, Claudia. 2001. *Atualizando pedagogias para o ensino médio : um estudo sobre a Revista Atualidades Pedagógicas (1950-1962)*. São Paulo : EHPS/PUC (dissertação de mestrado)
- SILVA, Vivian B. da. 2001. *Histórias de Leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971)*. São Paulo: FEUSP (dissertação de mestrado).
- SPÓSITO, Marília P.. 1984. *O povo vai à escola : a luta popular pela expansão do ensino em São Paulo*. São Paulo : Loyola.
- TOLEDO, Maria Rita de A.. 2001. *Coleção Atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931 – 1982)*. São Paulo: EHPS – PUCSP (tese de doutorado).
- WEREBE, Maria José Garcia. 1968. *Grandezas e misérias do ensino no Brasil*. São Paulo: DIFEL.